



## UM ESTUDO CRÍTICO DO SEXISMO: MODELOS MENTAIS EM NOTÍCIAS SOBRE VIOLENCIA CONTRA A MULHER

A CRITICAL STUDY OF SEXISM: MENTAL MODELS IN NEWS REPORTS ON VIOLENCE AGAINST WOMEN

Giselle Lopes Souza (UFES)<sup>1</sup>

[gisellesouza86@yahoo.com](mailto:gisellesouza86@yahoo.com)

**RESUMO:** A violência contra a mulher alcançou números alarmantes nos últimos anos, sendo alvo de manchetes de noticiários em todo o país, colocando o Brasil em destaque ranking de países nesse tipo de crime. Dados estatísticos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito instaurada em 2013 (CPMI)<sup>2</sup> da Violência contra a Mulher indicam que tais números são ainda maiores no que diz respeito ao Estado do Espírito Santo, que ocupa lugar de destaque no território nacional. Nesse cenário, não pode ser desconsiderado o poder de influência das mídias de massa, o que exige problematizar o tipo de discurso acessado pelos leitores e as ideologias responsáveis por sua produção. Acreditamos ser a ideologia sexista ambivalente (GLICK; FISKE, 1996, FORMIGA, 2004) a responsável pela desigualdade social e pela violência contra as mulheres no país. Este artigo apresenta como objetivo analisar se os mecanismos cognitivos ou modelos mentais do sexismo ambivalente podem estar presentes no discurso manipulador que se constitui na notícia online ou impressa, sob a égide da Teoria Sociocognitiva de van Dijk (2005, 2012 a e b, 2014). Para tanto, escolhemos oito notícias sobre casos de agressão contra a mulher, rejeitando os casos de homicídios, publicadas no jornal *A Gazeta*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência contra mulher; Análise Crítica do Discurso; Discurso; Modelos mentais; Sexismo.

### ABSTRACT

In our days, it is observed that the service to women, victims of aggression, is a growing reality in Brazil. We believe that the ambivalent sexist ideology (GLICK; FISKE, 1996, FORMIGA, 2004) is the responsible for social inequality and violence against women in the country. In parallel, there is an increase in the power of influences of mass media, and it is also possible to problematize the type of discourse accessed by the readers and the ideologies responsible for their production. Thus, this research aims to unveil the cognitive mechanisms or mental models that may be at the service of the manipulative discourse in a primary source of acquisition of common knowledge: the printed news. We also value the assumption that sexist ideology is characterized as a dominant ideology and can be present in journalistic discourse as a source of generalization. In this perspective, we find theoretical-methodological support in the Critical Discourse Analysis (ACD) under the aegis of van Dijk's Socio-cognitive Theory (2005, 2012

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Psicanalista membro da diretoria do NESME (Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares)

<sup>2</sup> Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher (CPMIVCM) criada por meio do Requerimento nº 4 de 2011-CN, “com a finalidade de, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência” – visitou dezessete estados brasileiros e o Distrito Federal, sob a presidência da Deputada Federal Jô Moraes (PCdoB/MG) e relatoria da Senadora Ana Rita (PT/ES).

Disponível em <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=133656&>. Acesso em 10/07/2013.



a and b, 2014), which enabled us to relate discourse, society and cognition, and mental models as key. For that, we chose the news of A Gazeta, newspaper of great influence in the ES; to constitute our corpus of analysis.

**KEYWORDS:** Violence against woman; Discours, Mental models, Sexism.

## Considerações Iniciais

A violência sofrida por mulheres alcançou números alarmantes nos últimos anos, sendo alvo de manchetes de noticiários em todo o país, colocando o Brasil no 5º lugar no *ranking* de países nesse tipo de crime. Segundo o Mapa da Violência 2015 (WALSELFISZ, 2015), além de o Brasil ocupar essa posição num grupo de 87 países, dos 4.762 assassinatos de mulheres registrados em 2013 no Brasil, 50,3% foram cometidos por familiares, sendo que em 33,2% destes casos, o crime foi praticado pelo parceiro ou ex-parceiro. Essas quase 5 mil mortes representam 13 homicídios femininos diários em 2013. Dados estatísticos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito de 2013 (CPMI)<sup>3</sup> da Violência contra a Mulher indicam que tais números são ainda maiores no que diz respeito ao Estado do Espírito Santo, que ocupa lugar de destaque no território nacional: são 9,4 assassinatos a cada grupo de 100 mil habitantes, mantendo o 1º lugar do Brasil.<sup>4</sup>

A compreensão do tipo de relação desenvolvida por homens e mulheres em tempos atuais carece de ser problematizada. Além disso, os casos de agressão parecem revelar pensamentos de dominância dos homens sobre as mulheres. A crença de que o grupo social de mulheres deva ser subjugado ao dos homens é parte de uma tendência sexista cuja relação direta ou indireta pode ser estabelecida ao se analisar os casos de agressão e a relação social vertical entre esses grupos sociais. A própria Lei Maria da

<sup>3</sup> Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher (CPMIVCM) criada por meio do Requerimento nº 4 de 2011-CN, “com a finalidade de, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar a situação da violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência” – visitou dezessete estados brasileiros e o Distrito Federal, sob a presidência da Deputada Federal Jô Moraes (PCdoB/MG) e relatoria da Senadora Ana Rita (PT/ES).

Disponível em <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=133656&>. Acesso em 10/07/2013.

<sup>4</sup> Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/os-7-estados-brasileiros-com-maior-violencia-contra-mulher/> acesso em 23/07/2017

Penha (Lei nº 11.340/2006) é instituída no Brasil a fim de identificar devidamente os casos de agressão como atos criminosos contra a as mulheres, atos estes que vão muito além das lesões corporais. A lei prediz ser um crime contra a mulher qualquer ato de violência doméstica e familiar contra ela, inclusa qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (BRASIL, 2010)<sup>5</sup>.

Todas essas conquistas são frutos não somente de lutas civis e de políticas que se manifestam contra a opressão gerada pela dominância imposta a grupos minoritários, mas também das constantes manifestações de mulheres que têm em sua bandeira a luta pela igualdade de gêneros e por direitos civis equiparados ao dos homens. A desigualdade entre os gêneros é objeto de pesquisa de várias ciências e de vários pesquisadores ao redor do mundo. No Brasil, inicia-se uma demanda por pesquisas que se debruçam sobre os casos de agressão e sobre outros atos impregnados de uma ideologia antiga conhecida em nossa civilização: o sexismo. É possível encontrar pesquisas diversas, como a proposta de *inventário do sexismo ambivalente* (FORMIGA, 2004), que se propõe a caracterizar o sexismo dentro de suas vertentes na área da Psicologia Sociocognitiva.

Acredita-se haver um caminho para se discutir a questão da violência contra a mulher em nossa sociedade: por meio do estudo do sexismo como ideologia produzida e reproduzida por um grupo dominante (VAN DIJK, 2005). A problemática não é nova; trata-se de uma das mais antigas ideologias encontradas em nossa história. Segundo o autor, é a dominância masculina a causa do sexismo – um dos “-ismos” mais mortais de nossa cultura – sendo que entendemos dominância, neste trabalho, como “uma forma de abuso de poder legalmente ilegítimo” (VAN DIJK, 2012a, p. 88) que apresenta como principal consequência a desigualdade social. Ainda que também aconteçam casos de agressão contra a mulher em classes sociais abastadas, apresenta-se aqui uma vertente que intenciona olhar a desigualdade social baseada na diferença entre sexos, em que o sexo masculino parece acreditar ser superior ao feminino a ponto de poder submetê-lo. São séculos de dominação masculina sobre as mulheres e, apesar de existirem

<sup>5</sup> BRASIL. Código civil. 19 ed. São Paulo: Saraiva: 2004.

movimentos de resistência como os grupos feministas do Brasil e do mundo, atuantes desde meados dos anos 60, nunca houve uma mudança de ordem cultural, moral e ético-política que instaurasse um novo estado, um estado feminino, nesse caso.

Paralelo ao crescimento do número de mulheres que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão, já descritos e denunciados na própria CPMI da Violência contra a Mulher, está o aumento do poder de influência das mídias de massa. Uma das principais formas de acesso a esses casos de violência contra a mulher são as notícias e reportagens sobre o assunto. Não é acessível ao cidadão comum, em nenhum lugar do mundo, todas as fontes utilizadas pelos jornalistas na construção dessas notícias, por isso caberá ao leitor confiar no texto jornalístico como uma de suas principais fontes primárias.

Sobre esse assunto, Hernandes (2006) comenta que o jornalismo não está longe dos demais comerciantes que visam lucrar com seus produtos e manter sua clientela satisfeita. O autor também afirma que os jornais impressos não estão preocupados em escrever para todos os públicos: existe um público-alvo, que eles chamam de “elite”, para o qual eles escrevem (HERNANDES, 2006, p. 165) e, para tanto, estão elencadas as estratégias que, segundo o autor, são postas em funcionamento pelo corpo editorial, a fim de garantir a lucratividade e a credibilidade diante do público/receptor – tudo isso sob a máscara da objetividade e imparcialidade. Outra estratégia comentada pelo autor é a de o jornal se valer de outras vozes, ou seja, as vozes de outros atores sociais dentro do texto, para legitimar suas afirmações. Com isso, o uso da terceira pessoa afirma-se como uma tendência corrente, pois o “eu” é substituído pelos eles disseram, alguém disse.

Com base nessas afirmações, é importante reconhecer a credibilidade do texto jornalístico diante do seu leitor e a possibilidade de haver abuso de poder por parte das instituições. Segundo Hernandes (2006), no texto “A mídia e seus truques”, o analista precisa descobrir as estratégias que desvelam como os jornais obtêm atenção e laços com o público e, para isso, utiliza-se de um acordo simbólico entre o jornal e leitor de garantir a este a veracidade dos fatos narrados chamado de “pacto de cavalheiros”, cuja proposta é firmar um acordo de lealdade e imparcialidade na construção do trabalho

jornalístico em relação única com a verdade dos fatos. Hernandes (2006) fundamenta sua questão sobre o relacionamento entre instituição jornalística e leitor com base nas estratégias adotadas pelo jornal para manter o leitor numa espécie de cativeiro. Constrói-se um relacionamento que gera desigualdade social, na qual é possível apresentar a condição vivida pelo leitor como uma condição de minoria. O leitor não é páreo para a instituição jornalística, e poderá ser facilmente manipulado ou vitimizado por ela.

Com base no que foi discutido acima e no desejo de trazer essa discussão para o contexto da mídia capixaba, o jornal *A Gazeta* foi escolhido como objeto de pesquisa, uma vez que defende a relação entre rentabilidade e valorização da empresa com isenção e independência. Por isso, a escolha dessa instituição jornalística é de grande valor para os estudos midiáticos capixabas, pois esse jornal prega a existência de isenção e transparência com atendimentos às expectativas. Basta apenas questionar: de quem são essas expectativas? E quais são elas? Pois se acredita não ser possível atender a toda e qualquer expectativa. Quiçá se este jornal possibilite atender às expectativas desta pesquisa: investigar se há ideologias subservientes ao controle hegemônico na produção de suas notícias, principalmente, as ideologias sexistas.

Assim, este artigo objetiva compreender por meio de um estudo qualitativo interpretativo os modelos mentais sexistas ambivalentes que atuam na formação de protótipos manipuladores, sendo estes responsáveis pela construção do discurso do gênero notícia e como esse discurso contribui para a manutenção da ideologia sexista. Para tanto o instrumento de análise adotado para este artigo está nas linhas da Análise Crítica do Discurso (ACD). É preciso dizer que a ACD não é uma linha de pesquisa e nem mesmo uma subárea de outras linhas de pesquisa da Linguística. A ACD é uma perspectiva, um modo de pensar crítico, ou seja, ela “não é, na verdade, uma diretriz, uma escola nem uma especialização semelhante a tantas outras abordagens nos estudos discursivos” (VAN DIJK, 2012b, p. 114). Por isso, a ACD seria mais bem definida como um “modo diferente de teorização, análise e aplicação ao longo de todos os campos” (VAN DIJK, 2012b, p. 114). E dentro deste modo de fazer pesquisa está a teoria de van Dijk, baseada especialmente na tríade discurso, sociedade e cognição, sob

a égide do conceito de ideologia e modelos mentais (VAN DIJK 2005; 2012a; 2012b; 2014).

Tal perspectiva possibilitou uma abordagem metodológica qualitativa interpretativa de oito notícias do Jornal A Gazeta. A escolha das notícias foi norteada pela característica de suas ocorrências, privilegiando casos de agressão em detrimento dos homicídios, com base no Código Civil Brasileiro. Assim este artigo apresenta uma proposta de discussão dos resultados da dissertação de mestrado e está segmentado em: parte um com a problematização e apresentação nas considerações iniciais, parte dois a apresentação da fundamentação teórica, explorando o conceito de ideologia, modelos mentais e sexismo especificamente, parte três a apresentação metodológica, parte quatro o resultado das análises e a parte cinco a conclusão.

### **1. Ideologia, modelos mentais e sexismo ambivalente.**

Ao partir de uma visão que contemple bases sociais, cognitivas e discursivas, não se pode iniciar um estudo da ideologia sexista sem antes trazer o conceito de ideologia que norteia toda a visão desta pesquisa. Por meio da Teoria Sociocognitiva de Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), de van Dijk (1992, 1995, 1998, 2001, 2005, 2012 a e b, 2014), foi possível relacionar discurso, sociedade e cognição. Discurso é entendido como um evento comunicativo, multimodal, interativo, conversacional, que leva em conta a expressão corporal, facial, diagramação do texto e outros recursos semióticos (VAN DIJK, 2012a), já Sociedade é definida como as relações entre grupos sociais e relações dentro do grupo social. Por fim, Cognição conjunto de crenças e representações mentais fixados na memória de longo prazo. Para este artigo, embora se entenda que a tríade deve ser considerada em seu todo, atenta-se para duas categorias que têm ligação direta com o discurso e a sociedade, mas que estão intimamente ligadas ao modo como o autor traz a perspectiva da cognição para a ACD, uma dessas categorias é a ideologia.

Em seus trabalhos sobre ideologia, um dos conceitos chave em sua teoria, o autor propõe o entendimento de como o discurso está envolvido com a reprodução da



ideologia na sociedade (VAN DIJK, 2001). Em suas obras, o autor esclarece que, como o discurso, as ideologias são essencialmente sociais, especialmente relacionadas a grupos sociais e responsáveis pelas atitudes dos atores sociais. Segundo essa perspectiva, o autor apresenta uma definição de ideologias contemplando esses aspectos:

ideologias consistem em crenças socialmente compartilhadas e não em opiniões pessoais. Além disso, elas geralmente são relacionadas a alguma importância política e social, atitudes conflituosas, por isso temas como aborto e eutanásia aparecem. Essas crenças são fundamentalmente a respeito de gêneros, ser homem ou mulher, em que ideologias feministas ou sexistas aparecem, ou sobre raça e etnia, neste caso ideologias racistas e étnicas aparecem (VAN DIJK, 2001, p. 11).

Nesse sentido, a ideologia, aqui tomada como crenças socialmente compartilhadas e não como opiniões pessoais, foge de conceitos mais tradicionais como o que apresenta o conceito de ideologia como uma arma estritamente da dominância produzida por um estado opressor (VAN DIJK, 2001). Esta abordagem apresenta tal conceito como parte constituinte da vida em sociedade, da vida comum, cotidiana, ou seja, nossas atitudes e aquilo que condiciona nossas preferências estão apoiadas em nossas crenças socialmente compartilhadas, mais precisamente pelas ideologias que compartilhamos em nossos grupos sociais.

Por outro lado, o acesso à ideologia não ocorre de maneira igualitária a todos os membros do grupo social: há líderes, magistrados e outros “ideólogos” que ensinam, explicam, incutem nas mentes e explicitamente reproduzem as ideologias do grupo. Da mesma forma, poderíamos assumir que nem todos os membros se identificam com o grupo ideológico da mesma maneira e com igual força (VAN DIJK, 2005, p.14).

Ainda nessa perspectiva, muitas formas de preconceito e de discriminação podem ser assistidas por ideologias que as constroem e suportam. Uma das mais severas formas de preconceito e discriminação social pode ser aquela praticada contra as mulheres do nosso país. Os casos de violência contra a mulher apontam para uma ideologia que os respaldam, que os justificam: trata-se da ideologia sexista já comentada



nos parágrafos iniciais. Entendemos sexismo, neste artigo, como a ideologia dominante desenvolvida por líderes do grupo social de homens que atua sobre diferentes minorias como o grupo social de mulheres, crianças entre outros e, também, promove o cerceamento da liberdade e desigualdade social entre os grupos sociais (VAN DIJK, 2005).

Dessa forma, caracterizado o sexismo como uma ideologia dominante produzida e reproduzida pelo grupo social masculino e disseminada para os demais grupos sociais, este sexismo não se apresenta apenas de maneira deflagrada e hostil. Há ainda atos mais sutis, velados ou nem sempre apresentados com atitudes negativas, nem por isso deixam de ser configurados pela ideologia sexista. Não há apenas um sexismo estritamente negativo, unilateral, com características precisas e bem delimitadas. Por essa flexibilidade de poder obter manifestações consideradas não negativas ou com suas intenções negativas veladas, fala-se, então, em sexismo ambivalente (GLICK&FISK, 1996; FORMIGA, 2004).

Como o termo já sugere, o sexismo ambivalente apresenta-se em duas diferentes modalidades: a hostil e a benévola (GLICK; FISKE, 1996, FORMIGA, 2004). Definir essas duas vertentes poderá auxiliar na identificação dos grupos que as adotam e como são qualificadas suas ações.

O pensamento central que sustenta o **sexismo hostil** é o da intolerância e preconceito contra a figura da mulher no desempenho de qualquer papel social de poder ou decisão. Nessa modalidade de sexismo, qualquer tentativa de tomada de decisão pela mulher é interpretada como uma tentativa de golpe ou tomada de poder, senão de desrespeito (FORMIGA, GOUVEIA; SANTOS, 2002).

Por ser uma forma de sexismo bastante aversiva e combatida socialmente, houve uma necessidade de atualização dessa ideologia sexista. Daí surge o conceito de **sexismo benévolos**, que “se refere a uma atitude positiva, aparentemente não preconceituosa em relação à mulher, evidenciando o sentido paternalista que a descreve como pessoa frágil, que necessita atenção, mas que também pode complementar o homem e sua existência” (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002, p. 106). Com a caracterização de um sexismo ambivalente, é possível ampliar o conceito de dominância

que os homens como grupo social dominante exerce sobre o grupo social minoritário, o grupo das mulheres. Além disso, é possível descrever com maiores especificidades as construções discursivas por detrás desses atos e para diferenciar as estratégias cognitivas usadas em casa mecanismo que se propõe estar a serviço da dominância e manipulação.

Dessa maneira, propõe-se um possível um diálogo entre a proposta sociocognitiva de ACD, principalmente sua noção de ideologia e modelos mentais com o conceito de sexismo amabivalente a serviço da manipulação das mentes. Fala-se neste artigo em manipular as mentes dos leitores promovendo desigualdade social. No próximo tópico, a manipulação será apresentada como parte inerente de um discurso a serviço da ideologia dominante.

## **2. Manipulando as mentes: modelos mentais na proposta sociocognitiva da ACD**

Entende-se neste artigo que manipular é exercer controle e abusar do poder (VAN DIJK, 2012). Não se tratando apenas de um controle físico, fala-se ainda de um controle igualmente abusivo, que é o controle mental. Uma das mais conhecidas maneiras de manter controle sobre as ações de outrem sem o uso da força física é através do discurso. Para isso, precisamos acionar mecanismos cognitivos que nos sirvam como modelos de produção para todos os nossos discursos. Van Dijk (2012) chama esses mecanismos de modelos mentais, ou seja, processadores cognitivos que atuam diretamente sobre a produção e interpretação do discurso e de um evento discursivo. Eles também são únicos e pessoais, cuja natureza está ligada à nossa interpretação individual de um discurso e de uma situação específica. “Evidentemente, esses modelos pessoais também envolvem a instanciação de conhecimentos ou crenças gerais, socialmente compartilhadas” (VAN DIJK, 2012a, p. 244).

Retomando trabalhos anteriores, o autor explica que há dois tipos mais importantes de modelos mentais: são os modelos de evento e modelos de contexto, cuja atuação influí diretamente sobre as etapas do processamento cognitivo (VAN DIJK; KINTSCH, 1983). Deve-se ressaltar, também, que as experiências vividas pelos grupos

sociais precedem à produção dos discursos desses grupos. Desse modo, os modelos de evento, isto é, as situações discursivas vividas pelos grupos sociais, podem não apenas influenciar o conteúdo dos discursos subsequentes, mas também as estratégias estruturais desses discursos (VAN DIJK, 2012a).

Destarte, o discurso e sua interpretação são de caráter subjetivo, podendo influenciar diretamente os modelos de contexto dos receptores, sendo que “as pessoas e as relações sociais são avaliadas com base naquilo que fazem e dizem” esses interlocutores (VAN DIJK, 2012a, p. 146). Nesse sentido, o processo de produção do discurso vai de modelos de evento (modelos mentais relativos a situações ocorridas) aos modelos de contexto (escolhas das estruturas do discurso). Os modelos de evento correspondem “à memória episódica” (memória de longo prazo), suprindo o conteúdo dos discursos, qual seja, aquilo que foi dito, e esses discursos influenciam os “modelos de contexto”, isto é, o processo cognitivo que controla como as coisas são ditas na situação em curso.

É preciso lembrar, porém, que a escolha lexical é, antes de qualquer coisa, definida pelos significados ou pelos modelos de eventos subjacentes dos usuários da língua: como estratégia geral, as pessoas optam pelas palavras que expressam da maneira mais exata possível a informação específica que está presente nesses modelos de evento (VAN DIJK, 2012a, p. 196). Portanto, há uma relação hierárquica entre ideologia, modelos mentais, discurso e manipulação, podendo tudo isso ser revelado pela escolha das categorias específicas de análise.

Assim, conhecer as estratégias de manipulação que estão a serviço de um recorte de informações, que polariza ideologicamente o discurso, pode contribuir significativamente para o rompimento ou a não da ativação do processo de vitimização do receptor do discurso manipulador, principal estratégia que promove discursivamente a segregação social e o controle do acesso à informação.

O objetivo desta seção do artigo foi apresentar toda a opção teórica que possibilita o olhar sobre as estratégias discursivas e cognitivas presentes na construção do discurso jornalístico que podem estar a serviço da manipulação ideológica. Na

próxima seção serão apresentadas a metodologia utilizada e as categorias de análise para, em seguida, inserir a discussão sobre os resultados da pesquisa.

## 2. Metodologia

A mídia jornalística é responsável por veicular grande parte das informações a que podemos ter acesso em nossa vida, de modo que seus discursos contribuem direta ou indiretamente para a formação de opinião e influenciam os níveis de leitura do receptor desse discurso. Além do que já foi discutido acima, os textos jornalísticos impressos se sobressaem aos digitais por manter a característica de documento, sem a passividade de alterações do jornal digital (VAN DIJK, 1995). Por isso, escolheu-se notícia impressa como um meio pelo qual as marcas da ideologia sexista podem ser reveladas. Realizou-se a pesquisa na rede do sistema interno de dados do jornal escolhido, o Jornal *A Gazeta*, e restringiu-se esta aos anos de 2011, 2012 e 2013. Observaram-se números crescentes de notícias sobre violência contra a mulher: ao se utilizar uma ferramenta de busca disponível no sistema de computadores que funciona com palavras-chave. Assim utilizando palavras como: violência, mulher, agressão física, homicídios, entre outras, viu-se que 50% de todas as notícias pesquisadas eram sobre violência doméstica/ violência contra a mulher e, por isso, fez-se a opção pelo ano de 2013 como base de coleta de dados.

De uma primeira seleção, encontrou-se o número de 186 (cento e oitenta e seis) notícias sobre o assunto violência. Numa segunda seleção, foi possível arrolar o número de 138 (cento e trinta e oito) notícias especificamente sobre o tema violência doméstica (casos de estupro, pais contra filhos, agressão contra a mulher, agressão a idosas etc.). Destes últimos números, foi possível entender que os casos de agressão contra a mulher compreendiam quantidades de notícias bem mais expressivas que os outros casos: eram precisamente 75% dos casos noticiados.

Num recorte ainda mais expressivo, optou-se por afunilar para o número de 50 (cinquenta) notícias cujos casos estavam envolvidos em algum tipo de relação afetivo-conjugal, ou seja, interessariam apenas os casos de *violência afetivo conjugal contra a*



*mulher.* Com a ajuda de um dicionário jurídico e do Código Penal Brasileiro, os casos de agressão puderam ser diferenciados entre si. Tratou-se de homicídios, agressões graves e agressões leves<sup>6</sup>. Apesar do número mais expressivo de notícias sobre homicídio que contemplaram 29 (vinte e nove) notícias, optou-se por aquelas que retratavam casos de lesões leves e graves. Isso porque foi possível observar duas características principais que diferenciaram as notícias sobre lesões graves de homicídios ou outros atos cometidos contra a mulher. São elas:

- a) Apresentação de entrevistas ou pequenas transcrições de falas das vítimas;
- b) Não identificação dos envolvidos.

Atendidos os critérios, estabeleceu-se o número final de 8 (oito) notícias entre as 50 (cinquenta) selecionadas, todas extraídas do jornal impresso diário *A Gazeta*, publicadas em 2013, para aplicação da análise qualitativa de acordo com as categorias escolhidas. Todo o desenrolar metodológico esteve motivado pela busca de um *corpus* que pudesse atender às necessidades desta pesquisa, que propõe identificar e explicitar o funcionamento de ideologias sexistas, na construção do discurso da mídia jornalística capixaba, e contribuir para demonstrar as possibilidades de análise de uma proposta sociocognitiva multidisciplinar de ACD, principalmente a desenvolvida por van Dijk. Ao fazer tal recorte, assumiu-se que o aspecto quantitativo, embora tenha sido relevante para a escolha das notícias não será utilizado como método para a discussão dos resultados das análises. Seguem abaixo as manchetes das notícias selecionadas do referido jornal:

<sup>6</sup> Tomamos aqui a noção de lesões corporais leves e graves segundo está descrito no Código Penal Brasileiro DL. 002.848.1940, na Parte Especial – Crimes contra a pessoa, Capítulo II – das lesões corporais, art. 129 que diz: ofender a integridade corporal ou a saúde de alguém, desta feita, pequenas equimoses ou ainda ínfimos arranhões são considerados como lesões corporais leves, logo, em decorrência da reprimenda cominada, de três meses a um ano de detenção, a tramitação do procedimento observará as disposições contidas na Lei Nº. 9.099/1995 (Lei dos Juizados Especiais Cível e Criminal). A primeira consequência que torna a lesão corporal grave é a que produz, como resultado, a incapacidade para as ocupações habituais por mais de trinta dias, como bem assinala o inciso I do §1º do artigo 129. Cabe frisar que a locução ocupação habitual não é interpretada como sinônimo de trabalho diária; ao contrário, tal locução é detentora de um sentido mais amplo, abarcando todas as atividades praticadas pela vítima.

Notícia 1 – “Empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado”

02/09/2013

Notícia 2 – “Vendedora é agredida com garrafa quebrada” 29/03/2013

Notícia 3 – “Secretária leva sete facadas em casa, e ex namorado é suspeito

04/05/2013

Notícia 4 – “Motorista esfaqueia ex -mulher” 19/02/2013

Notícia 5 – “Marido coloca fogo na casa, e vendedora escapa da morte”

21/09/2013

Notícia 6 – “Bilhetes salvam mulher agredida” 30/09/2013

Notícia 7 – “Grávida de seis meses é espancado por marido” 29/10/2013

Notícia 8 – “Ex agride empresária na Praia do Canto” 30/12/2013

A fim de procedermos à análise qualitativa e interpretativa das notícias selecionadas, realizou-se a seleção de oito categorias de processamento discursivo e de estruturas linguísticas que trabalham para o discurso manipulador no processo de aquisição e na reprodução das ideologias dominantes. O quadro abaixo sintetiza todas as categorias escolhidas e as descrições destas dentro da construção discursiva:

**Quadro 1 – Categorias de análise adotadas para a análise do *corpus***

CATEGORIA DE ANÁLISE	DESCRIPÇÃO DA CATEGORIA
<b>AGENTIVIDADE Versus PASSIVIDADE</b>	Trata-se de um agente específico de variação de perspectiva com foco na estrutura sintática entre estruturas ativas e passivas; podemos contar um ato como alvo em que alguém se engaja (Agente) ou como algo que alguém passa (Paciente).
<b>AUTORIDADE</b>	Consiste em recorrer ou fazer menção a autoridades que podem dar suporte aos discursos. Esse recurso costuma utilizar-se de falácias ao se apoiar em especialistas ou líderes nacionais.

<b>EVIDENCIALIDADE</b>	Consiste em reunir fatos ou evidências que possam comprovar os argumentos, conhecimento ou opiniões compartilhadas pelo discurso. Isso acontece por meio do uso de figuras de autoridade e dos chamados <i>moves</i> “indo até e vindo até”, cuja função é sinalizar quem provoca ou não um ato e pode ser discursivamente responsabilizado por ele.
<b>EUFEMISMO</b>	Trata-se de uma figura retórica que visa a amenizar ou a suavizar o efeito semântico que certas escolhas podem despertar no receptor/leitor.
<b>DESCRIÇÃO DE ATORES SOCIAIS</b>	Consiste em se utilizar de uma descrição pendular, sendo os atores sociais descritos de acordo com a ideologia do grupo a que pertencem. Há uma tendência em descrever positivamente os membros do intragrupo e negativamente os do extragrupro.
<b>DRAMATIZAÇÃO E A POLARIZAÇÃO</b>	Consiste em adotar um posicionamento ideológico específico e ignorar os outros posicionamentos possíveis;
<b>LEXICALIZAÇÃO</b>	Consiste em promover escolhas lexicais que podem acentuar ou atenuar certas características dos membros dos grupos e suas ideologias, de acordo com o interesse da instituição e do discurso manipulador.
<b>VITIMIZAÇÃO</b>	Consiste num posicionamento ideológico que constrói a imagem do receptor do discurso como incapaz ou não detentor de informação suficiente para produzir julgamento.

Fonte: Quadro produzido por Souza (2015, p. 73,74) com base na leitura de van Dijk (2012, a e b, 2014)

Tais categorias foram fundamentais para delimitar o que se pretende alcançar em um corpo rígido como a estrutura de uma notícia. Trata-se de uma estrutura mais estável, composta de partes específicas e mais estanques. Além disso, este texto resultou de uma busca que poderá desmistificar ou confirmar a ideia de compromisso com a verdade, isenta de opinião, a que se propõe a notícia. Dentro do estudo da notícia, levou-se em consideração sua estrutura textual como manchete ou título, subtítulo, *lead*,



*sublead*, corpo do texto e desfecho, buscando por salientar suas características narrativas e temporais.

### 3. Resultado das análises

Após concluídas as análises das oito notícias escolhidas, aplicando as categorias selecionadas para análise, foi possível perceber que a violência contra a mulher é mais que uma ação com desigualdade social e com abuso de poder como consequência. Ela é fruto de um conjunto de crenças socialmente compartilhadas, ou seja, ideologias que influenciam diretamente a atitude de grupos sociais e que estão fortemente presentes nas notícias criticamente estudadas. Uma vez que manipular é manipular as mentes (VAN DIJK, 2012b), o jornal exerce a favor das ideologias dominantes o papel de perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres, e a notícia o faz na própria narração dos fatos, com intuito de influenciar os modelos mentais ativados pelo leitor no momento de leitura e memorização do acontecimento.

A investigação empírica constituída pelo conjunto de oito notícias, nas quais foi possível perceber certas “superestruturas” ou “esquemas” que, de uma maneira global e constante, regiam as macroconstruções das notícias analisadas. Esse foi o caso do esquema ou fórmula apontado por esta pesquisa para as manchetes ou títulos e ainda a constante ausência da causa/motivo da ação nos *leads*, sendo transferido ao *sublead* ou ocupando todo o corpo do texto. Foi possível depreender, também, que os subtítulos trabalharam, em alguns momentos, como uma espécie de ampliação do título e, em outros, como um contradiscorso ao discurso instaurado no enunciado do título.

Em geral, as ocorrências permitiram inferir o sexismo hostil em forte presença, pois foi possível atualizar ideologias sexistas que dialogam com um sexismo hostil como: mulheres atraem sexualmente para depois rejeitar os homens, mulheres interpretam atitudes comuns como sexistas, mulheres exageram problemas, mulheres querem controlar os homens com que se relacionam, entre outras crenças compartilhadas em nossa sociedade (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002).

Já a fonte jornalística não apresenta uma constância quando o assunto é a perspectiva adotada. Adota-se a perspectiva que privilegia o discurso jornalístico e a visão que o jornal deseja adotar e, com esse recurso, a imparcialidade fica comprometida, pois ao se adotar apenas a visão de um dos envolvidos no fato ou apenas a visão de uma fonte, a informação fica polarizada e tendenciosa. Viu-se também que ao agressor não é dada voz, salvo de maneira indireta, em que a fonte é a polícia e as informações apresentadas sobre ele não contêm muitos detalhes, prendendo-se apenas ao fato de ele ser usuário ou não de drogas, se ele pode ser considerado uma boa pessoa ou não, isto é, todas as informações que contribuem para a construção da imagem do agressor e não para explicação do ato na visão dele. Isso se torna uma barreira quando se deseja compreender e combater as bases do pensamento sexista, uma vez que a ator social que pratica a agressão imbuído pela ideologia sexista não se manifesta ou tem seu discurso ignorado.

Por fim, pudemos elencar, conforme os quadros abaixo, os principais recursos de argumentação, estilo e retórica, que fizeram parte da construção das notícias, bem como as estratégias que foram utilizadas em favor da manipulação de modelos mentais de contexto e de evento no processo de leitura e na memorização das informações pelo leitor:

**Quadro 2: Síntese dos principais recursos e estratégias de manipulação da categoria de argumentação utilizados na construção das notícias analisadas**

<b>Quadro I: Categoria de Argumentação</b>			
<b>CATEGORIA LINGÜÍSTICA</b>	<b>Descrição da Categoria</b>	<b>Aplicação ao Discurso Midiático Manipulador</b>	<b>Ocorrência no Corpus</b>
<b>AGENTIVIDADE <i>Versus</i> PASSIVIDADE</b>	Caso específico de variação de perspectiva com foco na estrutura sintática entre estruturas ativas e passivas; podemos contar	<ul style="list-style-type: none"><li>• Uso em manchetes e subtítulos, <i>para dar ênfase em partes do texto, destacando-os;</i></li><li>• Ativação de modelos mentais preferidos pelo jornal;</li><li>• Contribuição na estratégia de</li></ul>	O jogo entre agentividade <i>versus</i> passividade é constante no <i>corpus</i> . Em duas notícias, ou seja, 25% do <i>corpus</i> , a manchete se utiliza da passividade como manobra para

	<p>um ato como alvo em que alguém se engaja (Agente) ou como algo que alguém passa (Paciente).</p>	<p><i>desclaims.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Distanciamento do ator social agressor da cena e da ação praticada por ele.</li> </ul>	<p>distanciar o ator social agressor da ação. Já nas demais notícias analisadas, a agentividade, aliada à lexicalização e ao eufemismo, cumpre esse papel.</p>
AUTORIDADE	<p>Consiste em recorrer ou fazer menção a autoridades que podem dar suporte aos discursos. Esse recurso costuma utilizar-se de faláciais ao se apoiar em especialistas ou líderes nacionais, fontes que são testemunhas etc.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contribui para o processo de vitimização do leitor;</li> <li>• Contribui para polarização do discurso;</li> <li>• Alia-se à estratégia de evidencialidade;</li> <li>• Pode contribuir para explorar uma informação específica pelo jornal em favor da ação ou de um dos atores sociais.</li> </ul>	<p>Em todo o <i>corpus</i>, ou seja em 100% das notícias analisadas, o jornal constrói uma perspectiva baseada no discurso autorizado, nem sempre é o dos envolvidos. O jornal motiva sua escolha em favor do distanciamento do agressor da cena e da ação</p>
EVIDENCIALIDADE	<p>Consiste em reunir fatos ou evidências que possam comprovar os argumentos, conhecimento ou opiniões compartilhadas pelo discurso. Isso acontece por meio do uso de figuras de autoridade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contribui para autorrepresentação; positiva ou negativa dos atores sociais;</li> <li>• Aumenta a credibilidade do jornal;</li> <li>• Contribui para o processo de vitimização do leitor/receptor.</li> </ul>	<p>Estratégia presente em todo o <i>corpus</i>, estando intimamente a serviço da apresentação positiva do agressor, ou de uma tendência de absolvção do ator social agressor.</p>

Fonte: Quadro produzido por Souza (2015, p. 127,128) com base na leitura de van Dijk (2012, a e b, 2014)

O primeiro quadro relaciona as categorias de argumentação que fizeram parte da estratégia de apresentação polarizada da construção narrativa das notícias. Há estratégias muito presentes na construção jornalística das notícias analisadas que merecem algum destaque. É o caso da **agentividade** versus **passividade** encontradas principalmente em manchetes. Exemplo: “vendedora é agredida com garrafa quebrada”, que já inicia com o duplo processo de distanciamento e apagamento do ator social que entendemos ser o agressor. A manchete encontra-se na voz passiva analítica, estando o agente da passiva ausente até da posição de indeterminado, caso este se o verbo estivesse na 3<sup>a</sup> pessoa do plural seguido ou não de pronome apassivador (se). Neste caso há uma supressão do agente da passiva na construção da oração na voz passiva, embora devesse estar presente, uma vez que não há índices de indeterminação do sujeito. Ou seja, aquele a que se reporta a ação verbal não está em nenhum plano na oração. Apagar dessa forma o ator social agressor, sujeito que pratica a ação, de grande importância para o fato, pode ser um indício de como a construção da notícia pode favorecer determinadas situações em detrimento de outras e induzir o leitor a se acostumar com uma leitura polarizada.

Notam-se casos similares como o descrito acima nas manchetes: “secretária leva sete facadas em casa, e ex-namorado é suspeito” ou “empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado” que, embora não estejam na voz passiva, denotam um lugar intermediário entre a “agentividade e passividade”. Tais orações parecem estar em uma agentividade minimizada por escolhas lexicais eufêmicas. Tudo isso para ou confundir o leitor e distanciar o ator social do fato ou apagar um dos atores sociais. Em todos os casos; esse ator é o homem que pratica a agressão. Essa opção estratégica de construção das manchetes pode estar a serviço do abuso de poder e, nesse caso, da manutenção de modelos mentais privilegiados, pois a “sintaxe dos títulos também pode ser tendenciosa a favor do indogrupo (ingroup) quando as construções passivas diminuem sua responsabilidade para as ações negativas” (VAN DIJK, 2012b, p. 145).

Em outros momentos, é a sequência narrativa que prejudica a construção da **evidencialidade**. Não é possível estabelecer uma leitura contínua quando a ideia construída pela leitura da manchete é desautorizada pelo subtítulo ou *lead* da notícia. É

o caso da manchete “empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado”, em que no subtítulo diz-se que ele ateou fogo nos seios dela, e logo após no corpo do texto diz que foi acima dos seios. Assim, a cena evocada na manchete, a de um corpo completamente queimado, sofre um processo de reescrita e lexicalização: a ideia do “todo” é trocada pela “parte” e isso também ameniza, metonimicamente, a ação. Confundir o leitor e descontinuar a ação é uma manobra que pode estar a serviço do processo de manipulação e de ideologias dominantes, neste caso a ideologia sexista. A favor dessas ideologias, a quebra da evidencialidade parece demasiado oportuna, pois a leitura descontínua pode prejudicar o julgamento dos atores sociais pelo leitor. Algo que de início parece grave vai aos poucos perdendo a gravidade na narrativa e pode até desqualificar o crime relatado pela notícia.

No tocante à estratégia denominada **autoridade**, sua pertinência está atrelada a duas situações: fala dos atores sociais e/ou fala das testemunhas autorizadas pelo jornal. Em todas as notícias analisadas, ao ator social agressor não é dada a voz, salvo de maneira indireta em raras situações. Tratando-se do ator social mulher agredida, a situação é diferente. A ela é dada a voz de maneira privilegiada e, na maioria das vezes, de forma direta transcrita pelo jornal por meio de entrevista. Em umas dessas entrevistas o jornal descreve que a vítima encontrava-se chorando de dor física e emocional e ainda assim prossegue dando a voz à vítima para tentar explicar o caso ocorrido. Entretanto, o momento logo após a agressão não parece adequado a alguém que pode estar em choque ou mesmo sofrendo de estres pós-traumático. Ainda nas entrevistas, aparecem perguntas aparentemente irrelevantes para a explicação dos fatos, mas relevantes para um processo de absolvição do agressor que parece ser contínuo. Perguntas como: “ele bebe ou usa drogas?” “você se arrepende do namoro?” “ela falou por que terminou o relacionamento?” (pergunta realizada ao pai de uma das vítimas, pois esta estava hospitalizada) são realizadas com muito mais propósito de dramatizar a situação narrada que apresentar dados que confirmem a ação criminosa.

Além disso, todas essas construções podem trabalhar para desautorizar a vítima. Caso sua resposta naquele momento não seja satisfatória para condenar o agressor, ela pode ser usada contra ela e ativar ideologias sexistas como estas: mulheres não

denunciam porque não querem, mulheres atraem sexualmente e depois terminam sem explicações, mulheres procuram a agressão, parceiras não devem discutir com seus parceiros bêbados, mulheres envolvem-se com homens usuários de drogas e permanecem com eles porque querem.

Cada uma das categorias contribuiu para a representação negativa das mulheres agredidas e apagamento do agressor. Além disso, as estratégias sintáticas e lexicais são construtos dos modelos mentais de contexto, basicamente. Já as categorias subsequentes atuam diminuindo o valor social da ação dos agressores e, efetivamente, constroem a imagem representativa dos atores sociais no fato narrado. Elas são construtos dos modelos de contexto e atuam na construção dos modelos de evento da experiência de leitura da notícia. São elas:

**Quadro 03: Síntese dos principais recursos e estratégias de manipulação da categoria dos significados utilizados na construção das notícias analisadas**

<b>Quadro II: Categoria de Significado</b>			
<b>CATEGORIA LINGUÍSTICA</b>	<b>Descrição da Categoria</b>	<b>Aplicação no Discurso Midiático Manipulador</b>	<b>Ocorrências no Corpus</b>
<b>EUFEMISMO</b>	Trata-se de uma figura retórica que visa a amenizar ou suavizar o efeito semântico que certas escolhas podem despertar no receptor/leitor.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Alia-se às estratégias de descrição dos atores, passividade e agentividade;</li><li>• Contribui para o processo de manipulação do leitor/receptor;</li><li>• Atua nos títulos e na descrição dos atores sociais.</li></ul>	Ocorre em todo o <i>corpus</i> analisado, principalmente na construção das manchetes na voz ativa e na descrição dos atores sociais.
<b>GRADUAÇÃO NA DESCRIÇÃO DE ATORES SOCIAIS</b>	Consiste em se utilizar de uma descrição pendular, os atores sociais serão descritos de acordo com a	<ul style="list-style-type: none"><li>• Consiste na Principal estratégia no processo de <i>disclaims</i>;</li><li>• Contribui para situar ideologicamente o discurso;</li><li>• Atua na</li></ul>	Principal estratégia evidenciada em todo o <i>corpus</i> , atua na identificação duvidosa ou fugidia do ator

	ideologia do grupo a que pertence. Há uma tendência em descrever positivamente os membros do intragrupo e negativamente os do extragrupo.	manutenção de ideologias elitistas; • Influencia o julgamento dos fatos realizado pelo leitor.	social agressor.
<b>DRAMATIZAÇÃO E A POLARIZAÇÃO</b>	Consiste em adotar um posicionamento ideológico específico e ignorar os outros posicionamentos possíveis.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aumenta o nível de incompletude do discurso;</li><li>• Acentua o processo de vitimização do leitor;</li><li>• Pode promover a sensibilização pelo apelo imagético.</li></ul>	Em todo o <i>corpus</i> está presente o jogo estratégico entre a dramatização e a polarização. Pudemos evidenciar com grande ênfase no item tomado como modelo de análise dessas estratégias de manipulação.
<b>LEXICALIZAÇÃO</b>	Consiste em promover escolhas lexicais que podem acentuar ou atenuar certas características dos membros dos grupos e suas ideologias, de acordo com o interesse da instituição e do discurso manipulador.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Contribui significativamente para a polarização do discurso;</li><li>• Pode acentuar a vitimização do leitor;</li><li>• Atua na graduação do nível de envolvimento dos atores sociais com a ação;</li><li>• Promove desequilíbrio na sequência narrativa.</li></ul>	Podendo ser observada em todas as notícias, atuou fortemente na descrição dos atores sociais e no processo de eufemismo nas manchetes.
<b>VITIMIZAÇÃO</b>	Consiste num posicionamento ideológico que constrói a imagem do receptor do discurso como incapaz ou não detentor de informação suficiente para produzir	<ul style="list-style-type: none"><li>• Influencia o nível de incompletude do discurso;</li><li>• É o objetivo principal do discurso manipulador.</li></ul>	É o ponto de maior relevância desta pesquisa, acontecendo em todo o <i>corpus</i> analisado. É uma síntese de todas as estratégias de manipulação analisadas.

	julgamento.		
--	-------------	--	--

Fonte: Quadro produzido por Souza (2015, p. 129, 130) com base na leitura de van Dijk (2012, a e b, 2014)

No tocante às ocorrências das estratégias acima, foi possível perceber o **eufemismo** como recurso muito presente em todos os textos, ora aliado à “**agentividade e passividade**”, ora associado à “**lexicalização e descrição de atores sociais**” com intuito de diminuir a carga semântica de alguns verbos e adjetivos, por exemplo. Este é o caso de cem por cento das manchetes das notícias, sendo que, na ausência da passividade, o eufemismo é acionado a fim de alterar o significado e o apelo imagético dos verbos. É o que acontece em alguns recursos sintáticos, como a passividade e o apagamento do agente da passiva, como no caso de “vendedora é agredida com garrafa quebrada”, e nas demais notícias como “secretária leva sete facadas em casa, e ex-namorado é suspeito” e ainda em “empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado”, podem significar uma proposta de inversão na ordem comum dos sintagmas, a fim de distanciar o ator social homem ou agressor, da cena principal da qual ele é autor da ação verbal principal.

Poder-se-ia parafrasear o título e adotar um envolvimento mais direto entre os atores sociais e a ação, como no seguinte enunciado: “ex-namorado é suspeito de dar sete facadas em secretária em casa”. Ainda assim essa construção preservaria muito das características da opção editorial do jornal, pois os atores são identificados pela profissão ou posição no relacionamento, já que o sintagma verbal “dar sete facadas” permanece mais eufêmico que “golpeou sete vezes com faca” ou ainda “esfaqueou sete vezes”. Entretanto o ator social agressor estaria no lugar em que esta pesquisa acredita que deveria estar, no centro da ação, mas uma estratégia ainda amenizaria seu grau de envolvimento com a ação, com o sintagma “é suspeito”. Esse sintagma nominal não atribui a ele nenhuma ação, apenas o caracteriza como provável e, ao mesmo tempo, incerto.

No que diz respeito à imagem dos atores sociais, foi evidenciada na maioria das notícias uma variação lexical ou **lexicalização** que compromete uma construção narrativa ascendente baseada nos fatos narrados, ou seja, na maioria dos textos a primeira impressão que se tem dos atores sociais é amenizada ao longo da narrativa. É o caso da notícia “vendedora é agredida com garrafa quebrada” cujos envolvidos são apresentados primeiramente como vendedora, seus filhos e o ex-namorado. O agressor é apresentado como “ex-namorado” e a mulher, além de vendedora, é também “vítima” juntamente com os filhos. Mais para o fim da sequência narrativa é que o texto acrescenta um desfecho para o então ex-namorado, antes “agressor” e agora apenas “o homem”. Essas variantes lexicais sugerem uma graduação entre a primeira impressão do fato e a evidencialidade a favor dessa impressão. Acontece aqui o contrário do que se espera numa construção narrativa crescente, na qual as evidências apresentadas pela sequência dos fatos são as que devem permitir a condenação ou absolvição do agressor. A impressão que se pode ter é a de que o jornal vai absolvendo o ator social agressor ao longo da narrativa e tornando-o um namorado, companheiro, homem entre outros.

Assim o jornal estaria usurpando o lugar de julgar que deveria ser do leitor. O mesmo acontece com relação à vítima, visto que o ator social mulher agredida deixa de ser vítima à medida que o autor social agressor vai sendo absolvido. Ao passo que isso acontecendo, o leitor ficará confuso e poderá interpretar as ações da mulher agredida como *moves conversacionais* “indo até a agressão”, em outras palavras a mulher provocou o ato contra ela. Esse tipo de manobra pode fazer parte de um recurso em favor da manipulação, pois “contar uma história significa formular o modelo mental pessoal, subjetivo, que temos de alguma experiência. E compreender uma reportagem jornalística ou uma história envolve a construção desse modelo mental (subjetivo) pelos receptores” (VAN DIJK, 2012b, p.243).

Ainda na notícia “vendedora é agredida com garrafa quebrada”, o corpo do texto inicia com o subtítulo “revolta”. Ao se observar o período que inicia o corpo da matéria: “revoltado ele (agressor) foi até a casa da vendedora na madrugada de ontem e tentou conversar com a vítima” (A GAZETA, 29/03/2013) é possível notar que a palavra “revoltado” adjetiva o ator social agressor. O uso desse adjetivo já soa



tendencioso e seria condenado por muitos manuais técnicos de construção do texto de maior credibilidade do jornalista, a notícia. A opinião deve vir da fonte e não do jornalista e, por conseguinte jornal para que a informação valorativa não afete a opinião do leitor. Em termos críticos, diríamos que ela não deve afetar a construção dos modelos mentais de evento, da experiência do leitor diante do tópico/assunto da notícia e dos modelos de contexto na formação de sua própria opinião e outros discursos com base nessa experiência (VAN DIJK, 2012a e 2012b). Vale ressaltar que nenhum tipo de conversa saudável pode acontecer quando a pessoa que tenta dialogar apresenta um objeto cortante nas mãos.

Esse ato deveria ter sido condenado pelo jornal, mas isso não acontece. O jornal emite opinião e parece dar voz ao agressor quando o caracteriza como revoltado, afirmindo a manobra cognitiva e o *move* “indo até a agressão” inaugurado pela mulher com sua negativa para reatar o relacionamento. Nesse momento, podemos acionar crenças socialmente compartilhadas, frutos de um sexismo hostil, como mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam os homens, mulheres procuram poder controlar aos homens (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002), entre outras ideologias que norteiam as atitudes dos mais diversos grupos sociais de homens e de mulheres.

Ainda quando o jornal ativa a “agentividade” na notícia e cria a expectativa de que o ator social agressor será devidamente incriminado por seus atos, usa-se a “dramatização” a favor do agressor como forma de minimizar suas ações. Isso ficou evidente na notícia “motorista esfaqueia ex-mulher” em que a manchete atribui a agressor a voz ativa e o constitui sujeito da ação principal, mas a sequência narrativa irá dramatizar suas ações e absolvê-lo por algum transtorno psicológico ou incapacidade de responder por seus atos. Na parte que compõe o segundo parágrafo do texto noticiado, entra em cena o pai da mulher agredida, que presenciou o ocorrido e é a principal testemunha do crime. O relato dessa fonte é muito importante para a construção da notícia, tanto quanto o da vítima e do agressor. Mas, como nas demais notícias, a perspectiva adotada é a da fonte, que afirma ter a filha se queixado de ciúme e agressividade do motorista, acusado e companheiro da vítima. O agressor não parecia estar de acordo com o término e queria reatar o relacionamento. O jornal narra que o pai



da vítima não apenas permitiu que o agressor entrasse na casa dele, mas que esperasse pela filha e que ainda tomasse uma cerveja enquanto esperava e no final ainda conta que o agressor, após esfaquear a filha, golpeou o próprio peito.

Toda essa sequência relatada pelo jornal para demonstrar a confiança que o pai da mulher agredida depositava no agressor e, ainda, a presença da cerveja, sendo apenas uma, não parece ser relevante para o caso narrado, a menos que se tenha a intenção de amenizar o ato do agressor unindo três informações até agora apresentadas: o agressor queria reatar o relacionamento + o agressor ingeriu bebida alcoólica + o agressor golpeou o próprio peito, pois a notícia informe que o agressor também encontrava-se hospitalizado por haver ferido a si mesmo.

Por tais motivos, o pai rejeitou o discurso da filha e depositou sua confiança no agressor, permitindo que ele se encontrasse com ela mesmo assim. Aliado a isso, está a pergunta feita pelo jornal na entrevista: “ele era violento?” A resposta, além de negativa, acrescenta informações do tipo, “ele era bom”, “nunca vi fazer nada de mal à minha filha”, “o único problema era que não aceitava a separação”. Em nossa sociedade sexista, os sentimentos e queixas das mulheres são subjugados pelos valores e normas estabelecidos pelas ideologias sexistas criadas pelos homens. Assim, o leitor poderá compartilhar as seguintes bases comuns, alicerçado apenas nesses relatos: a) mulheres se ofendem muito facilmente, b) mulheres interpretam ações inocentes como sexistas, c) mulheres não dão valor a tudo que os homens fazem por elas (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002).

Por último, a notícia “grávida de seis meses espancada por marido” utiliza-se de todos as estratégias aqui descritas para efetivar o processo de manipulação e **vitimização** do leitor. Além de se apresentar na voz passiva, deslocando o sujeito de sua ação criminosa, a notícia apresenta detalhes durante a ação narrativa que não apresentam relevância para esclarecer o crime, parecendo mais justificá-lo. Segundo a narrativa realizada pelo jornal com base no relato da vítima, temos a seguinte sequência: o homem chegou em casa embriagado, continuou bebendo, ainda que já estivesse bêbado. Ele saiu de casa e retornou por volta das nove horas da noite, ligou o rádio, foi dormir, ela (a vítima) saiu com o filho de dois anos, de outro relacionamento, logo após

o homem. Quando voltou, queria que o marido desligasse o som para poder assistir à televisão, e por fim ele agride a mulher com socos e empurões. Outra questão é que ele chegou embriagado e foi dormir (ligou o rádio e foi dormir), se o volume do rádio estava alto e mesmo assim ele não acordou, a mulher deve ter feito um barulho muito maior para acordá-lo, e se ele estava dormindo, pois a narrativa não diz se ele acordou, por que ela mesma não desligou o rádio e foi assistir à televisão sem incomodá-lo? (pediu ao marido que desligasse o aparelho, pois queria ligar a tv). Por fim, o leitor poderá questionar a condição da mulher como vítima e pode direcioná-la para a condição de alguém que caminha em direção à agressão. Assim, o leitor será convidado a ativar modelos mentais sexistas em relação a ela, pois ela estava no segundo relacionamento, com dezoito anos, foi mãe aos dezesseis anos, e estava grávida de um homem num intervalo menor que dois anos entre um relacionamento e outro.

Portanto, os dois quadros convergem para uma exemplificação dos dados coletados pelas análises. Com eles, podemos observar a grande ocorrência do sexismo ambivalente em sua manifestação hostil ou maléfica. Apesar de a correlação entre o sexismo hostil e benéfico ser inerente, ideologias sexistas hostis podem estar mais presentes que outras da modalidade benéfica. Esse é o caso das manifestações neste *corpus*: o sexismo ambivalente está presente em todas as notícias, mas a modalidade hostil é a grande influência de toda a construção jornalística analisada, pois a imagem da mulher não é exatamente a de um ser frágil ou de um ser que deve ser muito bem-tratado social e amorosamente. Vê-se uma representação da mulher como alguém que usa suas características para seduzir e enganar ou uma mulher que não valoriza o amor do homem que se relaciona com ela, entre outras crenças. Já o agressor, cuja ação representa uma manifestação do sexismo hostil, é gradativamente libertado de sua condição de criminoso já que os modelos mentais privilegiados pelo jornal ativam um processo de absolução desse ator social, distanciando-o da ação praticada.

## Conclusão

De modo geral, as estratégias de manipulação utilizadas pelo jornal configuraram uma tentativa de privilegiar no processo de leitura os modelos mentais escolhidos pelas

elites simbólicas, e a ideologia sexista configura-se como base para a superestrutura ou esquema das notícias de A Gazeta, que aqui representa uma dessas elites. Podemos dizer que um conjunto de crenças, fruto de um sexismo primitivo, gerador do sexismo benévolos, norteia toda a cadeia argumentativa e polariza o discurso para uma representação negativa da mulher agredida, enquanto a representação do agressor, ainda que não seja sempre positiva, caminha para sua absolvição mediante à evidencialidade construída pela sequência narrativa das notícias.

Além disso, parece ser constante a ideia de que as mulheres que sofreram agressão não apresentam uma vida amorosa estável. A maioria delas está com o agressor há menos de dois anos, o que influencia negativamente na imagem que o leitor faz da mulher nesses casos relatados, porque faz emergir crenças de que as mulheres manipulam as relações amorosas, que os homens correm atrás e elas não lhes dão valor, que elas seduzem sexualmente os homens para depois rejeitá-los.

Dessa forma, vão cristalizando-se ideias de que as mulheres tentam obter vantagens nos relacionamentos (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002) e isso influencia fortemente a sua representação negativa. Essa representação assegura a posição do homem como grupo dominante que deve permanecer no poder, partindo do princípio de que as mulheres não são confiáveis. Nisso está pautada toda a vida de opressão que sofreram as mulheres de nosso país e de outros cantos do mundo, resultante do sexismo, um conjunto de crenças elaboradas por homens que constrói a ideia dos papéis que devem ser desempenhados por homens e mulheres. Nessas crenças, a mulher sempre está em situação inferior ou subalterna, ou seja, essa conclusão de que o preconceito sexual existe e está enraizado em nossa sociedade é possível “pelo delineamento dos limites de poderes entre os grupos sociais minoritários e majoritários” (FORMIGA; ARAUJO; CAVALCANTE, 2007, p. 63).

É sempre importante ressaltar que manipular é manipular as mentes, e não só isso, é criar oportunidades de manipulação, isto é, criar atalhos cognitivos ao privilegiar os modelos mentais que se quer acionar no processo de leitura. Pudemos evidenciar nas análises que não é apenas de compreensão rápida de eventos momentâneos e específicos que se faz a comunicação, a maior parte dela é direcionada para a produção de uma



manipulação mais estável, para a construção de ideias permanentes na memória de longo prazo. Por esse motivo, é que certas estruturas linguísticas estão presentes repetidamente em notícias e reportagens jornalísticas, a fim de conduzir a manutenção das ideologias e informações as quais os grupos sociais dominantes desejam manipular e inculcar na memória de longo prazo dos leitores de maneira rápida. Tudo isso se apresenta embasado por ideologias dominantes.

## Referências

- AZEVEDO, Luiz Carlos de. **Estudo histórico sobre a condição jurídica da mulher no direito luso-brasileiro desde os anos mil até o terceiro milênio.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Saraiva, 2006.
- BRASIL. **Código civil.** 19 ed. São Paulo: Saraiva: 2004.
- BRASIL. [Lei Maria da Penha (2006)]. **Lei Maria da Penha: Lei** no 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.
- CABRAL, K. M. **Direito da mulher de acordo com o Novo Código Civil.** São Paulo: De Direito, 2004.
- FORMIGA, N. S. **As bases normativas do sexismo ambivalente: a sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos.** Salvador: Editora UFBA, 2004.
- FORMIGA, N. S., ARAUJO, T. T. V., & CAVALCANTE, C. P. S. (2007). **A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: Um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente.** Estudos e Pesquisa em Psicologia, 7, 1, 56-67.
- FORMIGA, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. **Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero.** Revista Psicologia em Estudo, 7, 1, 105-111, 2002.
- FORMIGA, N. S., SILVA NETA, A. B. da. **Precisão preditiva das novas formas de sexismo a partir das orientações valorativas em brasileiros.** Porto Alegre: Revista Psico, 01-14, 2009.
- GLICK, P.; FISKE, S. T. **The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism.** Journal of Personality and Social Psychology, 70, 491 – 521, 1996.
- GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o Estado moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.



HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.

GLICK, P.; FISKE, S. T. **The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism**. Journal of Personality and Social Psychology, 70, 491 – 521, 1996.

SOUZA, GISELLE LOPES. **Um estudo crítico do sexismo: modelos mentais em notícias sobre violência contra a mulher**. ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. Ed. Contexto, 1992.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012a.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Contexto**. São Paulo: Contexto, 2012b.

VAN DIJK, T. A. **Ideology and Discourse Semantics**. Discourse & Society 6(2):243-289, 1995.

VAN DIJK, T. A. **Discourse, ideology and Context**. Folia Linguistica, 2001.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and Knowledge. A Sociocognitive Approach**. Cambridge University Press, 2014.

VAN DIJK, T. A. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. London: Sage, 1998.

VAN DIJK, T. A. **Ideology and Discourse Analysis**. Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social / ISSN 1315-5216. CESA - FCES – Universidad del Zulia. Maracaibo-Venezuela, 351-381, 2005.

VAN DIJK, T. A. **Ideology: A Multidisciplinary Approach**. London: Sage. 1998.

VAN DIJK, T. A. **Principles of Critical Discourse Analysis**. Discourse & Society, 4 (2): 249- 283. 1993

VAN DIJK, T. A. **News as Discourse**. New Jersey: IM Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. 1988.

VAN DIJK, T. A. **Terrorism, sexism, racism and other lethal -isms**. Submitted to (but rejected by) ZNet, on the occasion of the terrorist attacks in Madrid on March 11, 2004.

---

Recebido em: 26/03/2023 | Aprovado em: 17/08/2023

Publicado em: 28/07/2023

---